

TRUFFAUT

Considerações acerca do livro de Dominique Rabourdin sobre o cineasta francês

Por AFRÂNIO CATANI*

A Terra é Redonda, [27/09/2025](#)

1.

A fortuna crítica envolvendo François Truffaut (1932-1984) é praticamente ilimitada. Assim, optei por trabalhar aqui, a partir do pequeno (19 x 14,5 cm) grande livro de Dominique Rabourdin, em abordagem panorâmica, a filmografia completa de Truffaut enquanto diretor, compreendendo 25 filmes (3 curtas e 22 longas-metragens) realizados entre 1954 e 1983.

Dominique Rabourdin é um experiente escritor, crítico cinematográfico e literário, com estudos sobre André Breton, Roger Caillois, Georges Bataille, Julien Gracq, Boris Vian, com programas exitosos na televisão e também autor de livros sobre Serge Daney, Alfred Hitchcock, Douglas Sirk, Michel Bouquet, outro sobre François Truffaut, Krzysztof Kieslowski, Vincente Minnelli. Claude Sautet, sobre Max Schoendorff, o cinema surrealista, a crítica de cinema na França etc.

Mas antes de prosseguir, gostaria de fazer dois registros pessoais. O primeiro é um agradecimento ao economista e professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, Luiz Carlos Bresser Pereira que, no início da década de 1950, foi crítico de cinema no extinto jornal *O Tempo*. Eu era um docente e pesquisador iniciante e o entrevistei em 1977 quando estava elaborando minha dissertação de mestrado sobre o cinema paulista nos anos 50 junto ao Departamento de Sociologia (FFLCH/USP), sob a orientação do professor Gabriel Cohn.

Bresser Pereira foi de uma gentileza ímpar, pois além de me emprestar o conjunto de suas críticas – hoje à disposição dos pesquisadores na Cinemateca Brasileira –, xerocou e me presenteou com a longa introdução que François Truffaut fez a seu livro *Les films de ma vie* (1975). eu já conhecia boa parte da

filmografia do diretor, mas pouco de suas críticas nos *Cahiers du Cinéma*, que acabei lendo a partir daí.

O segundo registro se refere ao livro de Dominique Rabourdin, publicado na coleção “*Les Petits Libres*”, das *Éditions Mille et Une Nuit*. Ele foi comprado em Paris, num tórrido final de junho de 2001, no *Quartier Latin*, numa ponta de estoque que não existe mais. Estavam lá seis exemplares baratinhos, e a francesa carrancuda até sorriu quando levei todos. Presenteei amigas e amigos e me restou apenas um deles, perdido na estante, prensado entre livros maiores. Acabei localizando-o meio que por acaso, quando procurava outros textos.

2.

Dominique Rabourdin escreve uma ágil introdução, comenta brevemente cada um dos filmes com suas respectivas fichas técnicas abreviadas, estabelece cronologia sumária e apresenta “bibliografia seletiva” contendo livros e prefácios de autoria de François Truffaut, além de várias outras obras consagradas ao diretor.

Na contracapa François Truffaut elabora pergunta que dá o tom do livro e que ele irá responder na página três: “Sempre volto à questão que me atormenta há trinta anos: o cinema é mais importante que a vida?” “Eu acredito que o cinema é uma melhoria da vida porque é extraordinário” (p. 3).

Para o crítico, a biografia de François Truffaut acaba, desde cedo, se confundindo com parte de seus filmes que, embora sem serem estritamente autobiográficos – refere-se, em especial a seu primeiro longa-metragem, *Les Quatre Cents Coups/Os Incompreendidos* e a série das aventuras de Antoine Doinel – “inspiram-se em acontecimentos reais ou em obsessões muito pessoais” (p. 2).

François Truffaut descobriu tardiamente que Roland Truffaut, arquiteto e decorador não era seu pai biológico. Sua mãe, Jeanine de Montferrand, secretária de *L’Illustration*, não o suportava, obrigando-o a ficar sentado em uma cadeira lendo, pois não tinha permissão para brincar ou fazer barulho. “muitas vezes confiado às avós, foi delas que herdou o gosto, para não dizer a

paixão, pela leitura. Um verdadeiro refúgio para uma criança ‘não amada ou ignorada’ com poucos, mas muito bons amigos” (p. 3).

A leitura o acompanhou por toda a vida, bem como sua grande dedicação à publicação e à escrita. Fez seu livro de entrevistas com Alfred Hitchcock (1899-1980), escreveu inúmeros prefácios e atuou como editor da obra de seu pai espiritual, o crítico André Bazin (1918-1958).

O cinema tornou-se para ele essencial a partir de 1940, no início da Ocupação alemã, quando François Truffaut tinha oito anos: o cinema converteu-se em um refúgio. Primeiro ia com os pais, depois sozinho “ e até mesmo em segredo” (p. 4). Ele matava aulas, sua educação formal era precária, tinha poucos amigos – aqueles que compartilhavam suas fugas e seu gosto por filmes considerados artísticos e difíceis.

“A partir de 1945, aos 13 anos, ele formou seus próprios gostos, que jamais negaria; Charlie Chaplin (1889-1977), Sacha Guitry (1885-1957), Jean Vigo (1905-1934), Jean Renoir (1894-1979), Robert Bresson (1901-1999), Orson Welles (1915-1988), Alfred Hitchcock” (p. 4). François Truffaut assistia e revia filmes, arquivava artigos, frequentava cineclubes, tendo conhecido em tais lides André Bazin, “que se tornaria o pai que ele desejava, que o salvaria de (pequenos) crimes, que o tiraria da prisão militar quando fosse declarado desertor e que o colocaria como crítico nos *Cahiers du Cinéma* a partir de 1953” (p. 4).

Aos 20 anos tornou-se um dos “jovens turcos” da crítica de cinema francês, com os amigos Jacques Rivette (1928-2016), Claude Chabrol (1930-2010), Jean-Luc Godard (1930-2022) e Éric Rohmer (1920-2010). Eles faziam parte da futura *Nouvelle Vague*. “Juntos, defenderam a causa de cineastas pouco conhecidos e considerados puramente comerciais como Alfred Hitchcock e Howard Hawks (1896-1977)” (p. 5).

Seu primeiro filme, *Une Visite/Uma Visita*, é de 1954, curta-metragem em preto e branco de pouco mais de sete minutos, praticamente sem roteiro, cujo câmara foi Jacques Rivette. Durante muito tempo foi considerado perdido e não havia sido projetado até o final dos anos 1980 (p. 6 e 12). Três anos depois, em 1957, filma *Les Mistons/Os Pivetes*.

François Truffaut já era mais conhecido em seu ofício de crítico turbulento, polêmico e temido, contando como intérpretes Bernadette Lafont – que voltaria a trabalhar com ele em *Une Belle Fille Comme Moi/Uma Jovem Tão Bela Como Eu*, em 1972 – e Claude Brasseur. É outro curta em preto e branco, também em 16mm e com a duração de 23 minutos. Foi produzido pela *Les Films du Carrosse* (em homenagem a *A carruagem de ouro*, de Jean Renoir), sua produtora, criada com a ajuda de seu sogro, um grande distribuidor de filmes.

Nesse mesmo 1957 casou-se com Madeleine Morgenstern, que lhe deu duas filhas, Laura (1954) e Ewa (1961), que aparecerão em *L'Argent de Poche/A Idade da Inocência* (1976) (p. 6 e 14). *Les Mistons* é “um verdadeiro prelúdio de toda a sua obra. Já demonstra o seu interesse pela infância e seu desejo de permanecer ‘muito próximo do documentário’” (p. 6).

O curta-metragem *Histoire d'Eau/História da Água* (18 minutos), foi filmado em um fim de semana de 1958, dirigido por François Truffaut e Jean-Luc Godard, sendo montado pelo cineasta suíço. A história é bem simples, narrando as peripécias de dois jovens que enfrentam os aborrecimentos causados por uma inundação e que acabam por se apaixonar (p. 6-7 e 16).

3.

Sua estreia no longa-metragem deu-se com *Les Quatre Cents Coups/Os Incompreendidos* (1959), que terá Jean-Pierre Léaud (1944) como protagonista, com apenas 15 anos, encarnando o personagem Antoine Doinel, que o acompanhará em vários filmes, ao mesmo tempo “alter ego e filho espiritual” de François Truffaut (p. 7).

Explica Dominique Rabourdin que “assim como *Le Beau Serge* de Claude Chabrol, *A Bout de Souffle* de Jean-Luc Godard, *Paris Nous Appartient* de Jacques Rivette e *Signe du Lion* de Éric Rohmer, *Les Quatre Cents Coups* pode ser considerado um dos manifestos da *Nouvelle Vague*, que então conquistava o ‘poder’ do cinema francês” (p. 7).

O autor acrescenta que o filme de François Truffaut foi o grande destaque do festival de Cannes, consolidando definitivamente o lugar do diretor na cinematografia mundial. Lamentavelmente, André Bazin faleceu no início das filmagens.

A partir daí François Truffaut manterá um ritmo de trabalho alucinante, realizando quase um filme por ano, equilibrando-se entre roteiros originais e adaptações de livros que ele apreciava muito.

Admirador do cinema estadunidense, François Truffaut dirigiu várias “séries noires”, baseadas em obras de David Goodis (1917-1967), William Irish (1903-1968), Henry Farrell (1920-2006) e Charles Williams (1886-1945), todos clássicos, além de uma incursão na ficção científica, com *Fahrenheit 451* (1966), baseado no livro homônimo de Ray Bradbury (1920-2012) – “mas também por amor aos livros, já que no romance de Bradbury a ideia é salvá-los daqueles que querem destruí-los...” (p. 8).

Filmou duas obras de Henri-Pierre Roché (1979-1959), *Jules et Jim* (1962) e *Les Deux Anglaise et le Continent/As Duas Inglesas e o Amor* (1971) e elaborou os roteiros originais da série Antoine Doinel – depois de *Os Incompreendidos* vieram *Antoine et Colette* (1962), *Baisers volés/Beijos Proibidos* (1968), *Domicile Conjugal/Domicílio Conjugal* (1970) e *L’Amour en Fuite/O Amor em Fuga* (1979), sempre com Jean-Pierre Léaud. O ator estará presente também em *As Duas Inglesas e o Amor* (1971) e em *La Nuit Américaine/A Noite Americana* (1973). Truffaut dedica a Léaud o filme *L’Enfant Sauvage/O Garoto Selvagem* (1969) (p. 8-9).

François Truffaut se inspira em notícias da imprensa para realizar *La Peau Douce/Um Só Pecado* (1964) e mesmo *O Garoto Selvagem* ou em experiências pessoais, casos de *A Noite Americana* (o cinema) e *Le Dernier Métro/O Último Metrô* (1980 – a Ocupação) (p. 9).

4.

Escreveu e dirigiu filmes especialmente para atrizes e atores, além de Léaud, como Jeanne Moreau (1928-2017) – *La Mariée Était en Noir/A Noiva Estava de Preto* (1967); Charles Denner (1926-1995) – *L’Homme qui Aimait les Femmes/O Homem que Amava as Mulheres* (1977); Bernadette Lafont (1938-2013) – *Uma Jovem Tão Bela Como Eu* (1972) ou Fanny Ardant (1949) – *La Femme d’à-Côté/A Mulher do Lado* (1981) e *Vivement Dimanche!/De Repente Num Domingo!* (1983).

Em sua carreira, François Truffaut valeu-se do princípio da alternância: “um filme pesado (*As Duas Inglesas e o Amor*) será seguido por um filme de

entretenimento (*Uma Jovem Tão Bela Como Eu*); um filme comercialmente arriscado (*O Garoto Selvagem* ou *O Quarto Verde* – 1978) será seguido por um empreendimento que pareceria mais óbvio para o público (*Domicílio Conjugal* ou *O Amor em Fuga*) (p. 9).

Além disso, a exemplo de Alfred Hitchcock, a quem cultuava, François Truffaut também tornou-se ator em seus filmes, sendo protagonista em *O Garoto Selvagem*, *A Noite Americana* e *O Quarto Verde* (p. 9).

François Truffaut sempre procurou trabalhar com os mesmos integrantes em funções chave de suas películas. No que se refere à direção de fotografia, deve ser ressaltada a participação de excelentes profissionais, como Néstor Almendros (1930-1992), que participou em nove de seus filmes, dentre eles, *O Garoto Selvagem*, *As Duas Inglesas e o Amor*, *A História de Adèle H.*,

O Homem que Amava as Mulheres, *O Último Metrô*, *De Repente Num Domingo!*

Raoul Coutard (1924-2016), por sua vez, fotografou outros cinco, destacando-se *Jules e Jim*, *Antoine e Colette* e *A Noiva Estava Vestida de Preto*. Pierre William Glenn (1943-2024) foi o responsável pela fotografia de três, dos quais *A Noite Americana* e *A Idade da Inocência* são perfeitos.

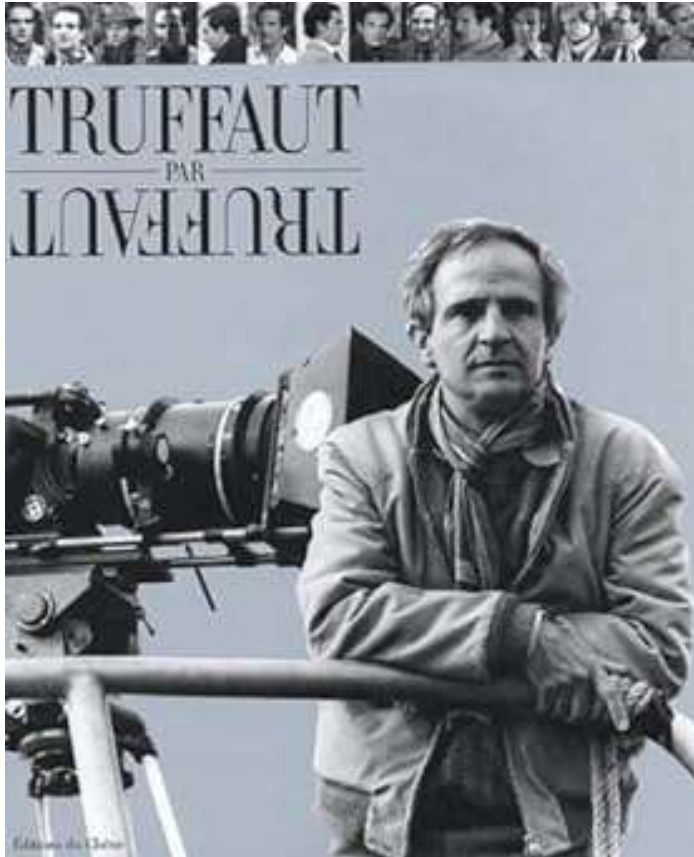
Os músicos também não ficaram atrás: Georges Delerue (1925-1992) atuou 11 vezes com Truffaut, sendo sempre lembrados *Jules e Jim*, *A Noite Americana*, *O Último Metrô*. *A Mulher do Lado* e *De Repente, Num Domingo!* Maurice Jaubert (1900-1940), compositor que trabalhou com Jean Vigo em *Zéro de Conduite* (1933) e *L'Atalante* (1934) teve suas trilhas sonoras em quatro fitas, destacando-se *A História de Adèle H.*, *A Idade da Inocência* e *O Homem que Amava as Mulheres*. Antoine Duhamel (1925-2014), em outras quatro, em especial *A Sereia do Mississipi* e *O Garoto Selvagem*. Bernard Herrmann (1911-1975), que trabalhou em várias oportunidades com Alfred Hitchcock, musicou *Fahrenheit 451* e *A Noiva Estava Vestida de Preto*.

François Truffaut filmou *Vivement Dimanche!*/*De Repente Num Domingo!* já gravemente doente e faleceu em 21 de outubro de 1984, aos 52 anos, vítima de um tumor cerebral. Em 28 de setembro de 1983, Fanny Ardant e ele tiveram uma filha, Joséphine Truffaut.

***Afrânio Catani** é professor titular sênior da Faculdade de Educação da USP. Autor, entre outros livros, de *A sombra da outra: a cinematográfica Maristela e o cinema industrial paulista nos anos 50* (Editora Panorama).

[<https://amzn.to/3KpD1OL>]

Referência



Dominique Rabourdin. *Truffaut: le cinéma et la vie*. Paris, Éditions Mil et Une Nuit, 1995, 64 págs. [<https://amzn.to/3IIkhJL>]

Filmografia

Une Visite/Uma Visita (1954). Curta-metragem (CM). 7min. 40 segs.

Les Mistons/Os Pivetes (1957). CM. 23 min.

Histoire d'Eau/História da Água (1958). CM. 18 min. Direção: François Truffaut e Jean-Luc Godard.

Les Quatre Cents Coups/Os incompreendidos (1959). Longa-metragem (LM). 93 min. 40 segs.

Tirez sur le Pianiste/Atirem no Pianista (1960). LM. 85 min.

Jules et Jim/Jules e Jim – Uma mulher para Dois (1962). LM. 100 min.

Antoine et Colette/ Antoine e Colette (1962). LM. 120 min.

La Peau Douce/Um Só Pecado (1964). LM. 116 min.

Fahrenheit 451 (1966). LM. 113 min.

La Mariée Était en Noir/A Noiva Estava Vestida de Preto (1967). LM. 107 min.

Baisers Volés/Beijos Proibidos (1968). LM. 90 min.

La Sirène du Mississippi/A Sereia do Mississippi (1968). LM. 120 min.

L'Enfant Sauvage/O Garoto Selvagem (1969). LM. 83 min.

Domicile Conjugal/Domicílio Conjugal (1970). LM. 100 min.

Les Deux Anglaises et le Continent/As Duas Inglesas e o Amor (1974). LM. 132 min.

Une Belle Fille Comme Moi/Uma Jovem Tão Bela Como Eu (1972). LM. 98 min.

La Nuit Américaine/A Noite Americana (1973). LM. 115 min.

L'Histoire d' Adèle H./A História de Adèle H. (1975). LM. 96 min.

L'Argent de Poche/A Idade da Inocência (1976). LM. 104 min.

L'Homme Qui Aimait Les Femmes/O Homem Que Amava as Mulheres (1977). LM. 118 min.

La Chambre Verte/O Quarto Verde (1978). LM. 94 min.

L'Amour en Fuite/O Amor em Fuga (1979). LM. 94 min.

Le Dernier Métro/O último Metrô (1980). LM. 128 min.

La Femme d'À-Côté/A Mulher do Lado (1981). LM. 108 min.

Vivement Dimanche!/De Repente, Num Domingo! (1983). LM. 111 min.

François Truffaut. *Les films de ma vie*. Paris: Flammarion, 1975, 376 págs.